

MUDANÇAS NO PERFIL MIGRATÓRIO E DESAFIOS NO
ACOLHIMENTO ESCOLAR DE CRIANÇAS ATÉ 12 ANOS: UM
OLHAR A PARTIR DA EVOLUÇÃO DAS MATRÍCULAS DE
2010 A 2020 NAS CINCO REGIÕES DO BRASIL | *CHANGES IN
THE MIGRATION PROFILE AND CHALLENGES IN THE SCHOOL INTEGRATION
OF CHILDREN UP TO 12 YEARS OLD: A PERSPECTIVE BASED ON THE
EVOLUTION OF ENROLLMENTS FROM 2010 TO 2020 IN THE FIVE REGIONS OF
BRAZIL*

DOI: [10.24979/ambiente.v18i1.1483](https://doi.org/10.24979/ambiente.v18i1.1483)

Jeruza Santos Nobre 

Resumo: Este artigo identifica as nacionalidades de crianças de 0 a 12 anos matriculadas na educação básica no Brasil entre 2010 e 2020, destacando a importância de políticas públicas e formação de professores para lidar com a diversidade cultural e o acolhimento de crianças imigrantes. Este estudo enfatiza o aumento expressivo de matrículas de crianças venezuelanas, haitianas e de outras nacionalidades do Sul Global, evidenciando a crescente diversidade nas escolas brasileiras. A pesquisa sublinha a importância de uma educação inclusiva, que não se limite à adaptação unilateral, mas que promova a valorização das identidades culturais desses alunos. Por fim, conclui-se que, para promover um ambiente escolar justo e inclusivo, é necessário fortalecer o sentimento de pertencimento e combater a discriminação, garantindo que a história e a cultura dos alunos imigrantes sejam respeitadas e integradas ao cotidiano escolar.

Palavras-chave: Imigração, Imigração infantil, Perfil migratório, Acolhimento escolar.

Abstract: This article identifies the nationalities of children aged 0 to 12 enrolled in basic education in Brazil between 2010 and 2020, highlighting the importance of public policies and teacher training to address cultural diversity and the inclusion of immigrant children. The study emphasizes the significant increase in enrollments of Venezuelan, Haitian, and other Global South children, showcasing the growing diversity in Brazilian schools. The research underscores the importance of inclusive education, which goes beyond unilateral adaptation and promotes the appreciation of these students' cultural identities. Finally, it concludes that fostering a fair and inclusive school environment requires strengthening the sense of belonging and combating discrimination, ensuring that the history and culture of immigrant students are respected and integrated into the school's daily life.

Keywords: Immigration, Child immigration, Migratory profile, School inclusion.

4.1 Introdução

Ao frequentarmos a escola, percebemos que, por mais bem-intencionadas que sejam as ações dos professores, a instituição escolar não é estruturada e idealizada para "incluir" o que considera "diverso". Observamos uma tendência à patologização, semelhante ao processo descrito por Machado de Assis em sua obra "O Alienista" (1882), onde todos são enquadrados em "caixinhas diagnósticas" e, por isso, deveriam ser afastados da sala de aula, talvez enviados à Casa Verde. Esse movimento de enquadrar o desconhecido em "caixinhas" demonstra um medo do desconhecido, pois abrir-se ao que não se conhece expõe as nossas próprias vulnerabilidades, e no caso da escola as vulnerabilidades de um sistema. Aqui surge um processo de exclusão/inclusão, no qual a criança imigrante passa a ser vista como um problema para a sala de aula, sendo criados mecanismos de "assimilação" através de frases como "ela precisa se adaptar/ ela precisa aprender o português" ou mecanismos de "exclusão" onde a criança passa a ficar à margem do processo de ensino e aprendizagem, no fundo da sala (muitas vezes não compreendendo nada do que ocorre em seu entorno). Sendo privada ou obrigada a passar por um processo de assimilação a criança poderá acabar afastando-se de seus colegas para que de alguma forma ela própria consiga preservar seu mundo interno e o mundo que abandonou, processo semelhante ao vivenciado pelos alunos público-alvo da educação especial que tem suas potencialidades apagadas por suas supostas "dificuldades escolares/ de aprendizagem".

Isso destaca o fato de que a criança, em situação de imigração, é vista como um problema, uma anomalia nesse ambiente onde ela é percebida como "a diferente". Nesse sentido, de acordo com a conceituação de Winnicott (2002), "a anormalidade se manifesta como uma restrição na capacidade infantil de expressar seus sintomas, acompanhada por uma falta de clareza na relação entre esses sintomas e o tipo de ajuda que se espera receber" (p.115).

A suposta limitação e rigidez da criança imigrante reside em sua dificuldade de compreender a língua local, e a falta de formação e materiais adequados na escola para apoiar seu acolhimento: esses são os fatores que desencadeiam sintomas como "falta de compreensão" ou a incapacidade de "realizar as atividades" ou de "entender a língua". Nesse caso, observa-se uma falta de conexão clara entre os sintomas que a criança apresenta e o tipo de ajuda ou intervenção necessária para lidar com esses sintomas. Em outras palavras, pode ser complicado entender como os sintomas estão relacionados às necessidades da criança e quais tipos de apoio seriam mais apropriados. Como resultado, a solução proposta é na maioria das vezes a imposição de que esse aluno se adeque ao que a escola espera dele e não que a escola se prepare para receber essa criança.

Paraguassu (2022) ao relatar sua pesquisa de escuta a crianças refugiadas fala da experiência escolar bem-sucedida em termos de acolhimento ser um dos principais reflexos do sentimento de identificação e pertencimento ao novo país, enquanto do contrário, "quando surgem questões que afetam profundamente o acolhimento [...] É como se a vivência na

escola deixasse claro seu lugar de estranho no ambiente. [...] É quando a barreira invisível ressurge, como se fosse algo intransponível” (p.139).

Conforme Corrêa, "toda conduta é uma adaptação, assim como toda adaptação é o restabelecimento do equilíbrio entre o organismo e o meio, na própria medida em que nós só agimos quando nos encontramos momentaneamente desorganizados"(2024, p. 2). Quando sou tensionado a agir, busco uma nova adaptação. Não é apenas o aluno imigrante que busca isso; o professor e toda a escola também buscam. não é tarefa fácil, muitas vezes há resistência de uma parte, de ambas, até mesmo do sistema. E essa resistência passa a afetar o aluno, sua aprendizagem, seu convívio, sua vida escolar e suas relações afetivas na escola.

Dessa maneira o objetivo deste artigo é: identificar as nacionalidades de crianças de 0 a 12 anos matriculadas na rede básica de ensino nas cinco regiões do Brasil no período de 2010 a 2020. Opta-se pelo recorte dessa faixa etária, pois para o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990), considera-se criança a pessoa até doze anos de idade incompletos. A partir dos doze anos até os dezoito anos, a pessoa é considerada adolescente. O ECA faz essa distinção para garantir que as políticas públicas, os direitos e as proteções específicas sejam adequadamente direcionados às necessidades distintas de crianças e adolescentes. As diferenças de desenvolvimento físico, emocional e psicológico entre essas faixas etárias requerem abordagens diferenciadas em termos de educação, saúde, assistência social e justiça.

Pesquisas anteriores (Corak, 2011; Magnuson et al. 2006) sobre idade, imigração e resultados educacionais indicam algumas variáveis importantes a serem observadas. Corak (2011) indica que crianças estrangeiras que foram expostas à língua do novo país, antes dos nove anos, ou antes da puberdade têm maior probabilidade de concluir a educação básica, enquanto crianças imigrantes que chegam após a adolescência tendem a abandonar a escola. Outra pesquisa que corrobora a importância do contato com a escola e a língua acontecer o mais cedo possível, é a de Magnuson et al. (2006) que observou numericamente os índices de proficiência na língua local e em matemática nos primeiros anos escolares de crianças imigrantes, e chegou ao dado de que crianças imigrantes que frequentam a educação infantil, mesmo com pais que em casa falam outra língua, tendem a ter os mesmos índices (ou muito semelhantes) as ao das crianças nativas nas mesmas condições, enquanto crianças imigrantes não matriculadas na educação infantil, tendem a apresentar índices inferiores. Esses dados nos revelam a importância das matrículas de alunos imigrantes nas diversas etapas de ensino e a importância do desenvolvimento de políticas e incentivo à matrícula escolar.

A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) garante o direito à educação a todos que se encontram em território brasileiro, independentemente de sua nacionalidade ou condição migratória. O artigo 205 estabelece que a educação é um direito universal e um dever compartilhado pelo Estado e pela família, com o objetivo de promover o pleno desenvolvimento da pessoa, prepará-la para o exercício da cidadania e qualificá-la

para o trabalho. Esse direito abrange as crianças imigrantes, assegurando-lhes acesso à educação básica e aos demais níveis de ensino, conforme a legislação vigente. Diante disso, é fundamental que as escolas estejam preparadas para receber esses alunos, considerando suas origens, línguas, culturas e histórias migratórias. Identificar as nacionalidades e os períodos de chegada dessas crianças é um passo importante para que os professores e outros profissionais da educação possam oferecer um acolhimento adequado, sensível às suas necessidades, facilitando o acolhimento no ambiente escolar.

4.2 Metodologia

Este estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla, cujo objetivo específico, neste artigo, é identificar as nacionalidades de crianças de 0 a 12 anos matriculadas na rede básica de ensino nas cinco regiões do Brasil. Para atingir esse objetivo, utilizamos os Microdados do Censo Escolar dos anos de 2010 a 2020, analisados por meio do software estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). Esse procedimento possibilitou a identificação do número de matrículas de crianças imigrantes nas escolas brasileiras e suas origens geográficas, gerando tabelas que destacam as cinco principais nacionalidades que ingressaram em cada região durante o período analisado.

Por se tratar de uma pesquisa qualiquantitativa, este estudo se caracteriza pela coleta e análise de dados numéricos, buscando quantificar e descrever padrões, comportamentos ou fenômenos observáveis. O que permite nesta pesquisa a interpretação de informações empíricas com a análise de dados numéricos e estatísticos, favorecendo assim a identificação de tendências e padrões, que podem apoiar o desenvolvimento de estratégias de ação e políticas públicas que visem fomentar um melhor acolhimento escolar às crianças imigrantes.

Para aprofundar o entendimento sobre a diversidade cultural e linguística presente nas escolas, o estudo também buscou identificar o país de origem das crianças. Esse conhecimento é essencial para formular estratégias educacionais que promovam a inclusão e o acolhimento de alunos imigrantes, preparando os professores e a comunidade escolar para acolhê-los de maneira mais adequada às suas necessidades.

4.3 Crianças imigrantes no sistema educacional brasileiro –quais suas nacionalidades?

O acolhimento migratório na infância é um tema crucial, e é afetado pelas legislações atinentes no país, influenciando diretamente as relações nas escolas. Crianças migrantes trazem identidades culturais únicas que enriquecem o ambiente escolar, mas também enfrentam desafios relacionados à discriminação e ao preconceito étnico-racial. Compreender como viabilizar um acolhimento inclusivo e respeitoso é fundamental para criar um ambiente escolar que valorize e celebre a diversidade, promovendo um crescimento saudável e interações positivas entre os alunos. Segundo Menezes (2020), o termo "imigração" envolve tanto o local de chegada quanto o de partida. Independente do status migratório ou do

período de migração, o que une todos os imigrantes é o fato de serem "estrangeiros", o que pode gerar desconfiança, medo e xenofobia. A autora destaca a importância do prefixo "in" no termo "imigrante", que remete à ideia de "inclusão". O imigrante vive uma dualidade existencial de angústia e esperança (Dal'mas, 1975).

Além do acolhimento, o pertencimento é fundamental no contexto escolar, especialmente nas relações étnico-raciais. Quando crianças de origens diversas se sentem incluídas e aceitas, desenvolvem um senso de pertencimento que fortalece sua autoestima e identidade, promovendo um clima saudável e produtivo. A exclusão ou marginalização com base na origem étnica ou racial pode resultar em sentimentos de isolamento e prejudicar o desempenho escolar e o bem-estar emocional.

Sentir-se bem-vindo é crucial para o senso de pertencimento, como explorado por Bell Hooks (2022) em "Pertencimento: Uma Cultura do Lugar". A autora enfatiza que reconhecer nossas origens é essencial para compreender nosso rumo, ressaltando o valor intrínseco de nossas histórias, identidade e ancestralidade. Hooks (2022) destaca que o pertencimento não é natural em uma sociedade marcada por racismo, sexismo e outras formas de discriminação, e que a falta de pertencimento pode levar a uma experiência de crise. Dessa forma defende-se aqui que essa criança que chega à escola brasileira não deve ter sua história e cultura apagados em nome de uma "adaptação" ou "inclusão", mas sim que suas raízes devem ser respeitadas e preservadas, pois pertencer não significa apenas ser aceito, mas também estar em paz com o seu passado e ter esse mesmo passado respeitado. Sendo de suma importância para a criação de políticas públicas e formações que os professores e demais profissionais reconheçam a origem de seus alunos e sua história migratória.

Compreendendo que as políticas públicas "determinam a estrutura do ambiente escolar, tanto como ambiente de aprendizagem como social, e também é provável que sejam associadas aos bons ou aos maus resultados escolares" (Corak, 2011, s/p. tradução da autora).

Para isso, este artigo tem como objetivo identificar os fluxos migratórios de crianças de até 12 anos que ingressaram nas escolas brasileiras no período de 2010 a 2020. Pretende-se identificar as principais nacionalidades dessas crianças e os padrões observáveis, a fim de orientar a formulação de políticas públicas e programas de formação docente.

A seguir apresento, as tabelas 4.1, 4.2, 4.3, 4.5 e 4.7 com os números de 2010 a 2020, apresentando as cinco principais nacionalidades observadas em cada ano e em cada região, sem especificar por cidade ou Estado, ou por esfera.

Na região Norte do Brasil, observamos um predomínio de crianças de países latino-americanos como Peru, Bolívia e Venezuela. No entanto, também há uma presença significativa de países do "Norte Global" – um termo usado para descrever as nações economicamente mais desenvolvidas, como Japão, Portugal e Estados Unidos. Entre 2010 e 2014, o Japão esteve consistentemente entre as cinco principais nacionalidades, Portugal surgiu

Tabela 4.1: Matrículas na região Norte.

Região Norte - 'AC', 'AP', 'AM', 'PA', 'RO', 'RR', 'TO'

2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Peru (216)	Peru (252)	EUA (282)	EUA (342)	Peru (394)	Peru (433)	Bolívia (442)	Venezuela (934)	Venezuela (3938)	Venezuela (10907)	Venezuela (15933)
Bolívia (192)	EUA (234)	Peru (267)	Peru (312)	EUA (380)	EUA (406)	Peru (402)	Bolívia (443)	Bolívia (522)	Bolívia (571)	Bolívia (651)
EUA (172)	Japão (182)	Japão (179)	Bolívia (222)	Bolívia (278)	Bolívia (367)	EUA (370)	Peru (394)	Peru (334)	Peru (300)	Colômbia (375)
Japão (152)	Venezuela (155)	Bolívia (169)	Portugal (201)	Portugal (249)	Portugal (265)	Venezuela (351)	EUA (351)	EUA (316)	EUA (258)	Haiti (255)
Venezuela (120)	Bolívia (142)	Venezuela (154)	Japão (180)	Japão (193)	Venezuela (231)	Portugal (280)	Portugal (254)	Portugal (242)	Colômbia (250)	Peru (250)

Fonte: Tabela organizada pela autora através dos dados do INEP.

no ranking entre 2013 e 2018, e os Estados Unidos deixaram de aparecer apenas em 2019, permanecendo ausentes em 2020.

Analisando os números, até 2016, há um crescimento consistente na principal nacionalidade registrada nas matrículas. Por exemplo, em 2010, foram registradas 215 crianças vindas do Peru, número que subiu para 252 em 2011. Já em 2017, houve um aumento significativo, com 442 crianças vindas da Bolívia, e em 2018, a nacionalidade predominante passou a ser a venezuelana, com 934 crianças.

Os números de crianças venezuelanas continuaram a aumentar exponencialmente, atingindo 15.933 registradas no sistema de ensino básico em 2020. Isso representa um aumento de aproximadamente 15.933% de 2017 a 2020, uma disparada em comparação com os anos anteriores. Para ilustrar:

- Valor inicial (2017): 934 crianças venezuelanas.
- Valor final (2020): 15.933 crianças venezuelanas.

Este crescimento percentual é significativamente maior em comparação com os anos anteriores. Entre 2010 e 2016, os países que lideraram as nacionalidades na região apresentaram os seguintes crescimentos: o Peru teve um crescimento de 16,67% de 2010 para 2011, seguido por um aumento de 56,35% de 2011 para 2014, e uma elevação de 9,90% de 2014 para 2015. Os Estados Unidos registraram um crescimento de 21,28% de 2012 para 2013, enquanto a Bolívia teve um incremento de apenas 2,08% de 2015 para 2016.

A análise destaca uma mudança imensa na demografia das crianças estrangeiras na região Norte do Brasil, com um aumento expressivo na presença de crianças venezuelanas no sistema de ensino básico a partir de 2017, superando em muito os crescimentos observados em anos anteriores para outras nacionalidades. Esses números mostram que, embora tenha havido aumentos significativos em outros períodos, nenhum foi tão marcante quanto o aumento de crianças venezuelanas de 2017 a 2020. Isso evidencia uma diversidade significativa de nacionalidades ao longo dos anos, com a presença de países latinos como Peru, Bolívia e Venezuela, bem como de países do "Norte Global" como Japão, Portugal e Estados Unidos.

Tabela 4.2: Matrículas na região Nordeste.

Região nordeste ['AL', 'BA', 'CE', 'MA', 'PB', 'PE', 'PI', 'RN', 'SE']

2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
EUA (336)	EUA (432)	EUA (488)	EUA (536)	Portugal (549)	Portugal (564)	Portugal (551)	Portugal (493)	Portugal (450)	Venezuela (396)	Venezuela (720)
Portugal (152)	Portugal (243)	Portugal (326)	Portugal (485)	EUA (500)	EUA (484)	EUA (418)	EUA (373)	EUA (351)	Portugal (367)	Portugal (304)
Itália (122)	Espanha (141)	Espanha (190)	Espanha (251)	Itália (303)	Itália (346)	Itália (333)	Itália (295)	Espanha (271)	EUA (287)	Colômbia (254)
Argentina (96)	Itália (138)	Itália (158)	Itália (230)	Espanha (295)	Espanha (308)	Espanha (305)	Espanha (280)	Itália (247)	Itália (258)	EUA (253)
Espanha (94)	Japão (114)	Japão (97)	Japão (101)	Argentina (105)	Colômbia (115)	Colômbia (125)	Colômbia (144)	Colômbia (182)	Colômbia (236)	Itália (230)

Fonte: Tabela organizada pela autora através dos dados do INEP.

A imigração na região Nordeste tem sido predominantemente do Norte Global. Somente em 2017 observamos uma diminuição significativa desse fluxo. Até 2018, os imigrantes dos Estados Unidos e de Portugal eram maioria, sendo discretamente superados pela Venezuela em 2019, que manteve a liderança em 2020. Diferente da região Norte, o Nordeste apresenta uma imigração majoritariamente do Norte Global. Em 2010, a Argentina foi o único país do Sul Global com 96 registros e reapareceu em 2014 com 105. A Colômbia entrou no ranking das cinco principais nacionalidades em 2015, permanecendo até 2020. A presença de imigrantes dos Estados Unidos, Portugal e Itália evidencia um padrão de imigração principalmente do Norte Global nas escolas, apesar de ambas permanecerem nos registros de matrículas durante todo o período analisado, podemos observar que nos últimos anos houve um decréscimo no registro.

Tabela 4.3: Matrículas de crianças dos Estados Unidos.

Ano	Matrículas	Varição Percentual (%)
2010	336	-
2011	432	+28,57
2012	488	+12,96
2013	536	+9,84
2014	500	-6,72
2015	484	-3,20
2016	418	-13,64
2017	373	-10,77
2018	351	-5,90
2019	287	-18,23
2020	253	-11,85

Fonte: Tabela organizada pela autora através dos dados do INEP.

Entre 2010 e 2011, houve um aumento significativo de 28,57% nas matrículas. De 2011 a 2012, o crescimento continuou, mas em um ritmo menor, com uma alta de 12,96%. Entre 2012 e 2013, o acréscimo nas matrículas foi moderado, alcançando 9,84%. A partir de 2013, iniciou-se uma tendência de queda. Entre 2013 e 2014, houve uma diminuição

de 6,72%. De 2014 a 2015, a redução foi mais leve, atingindo 3,20%. Entre 2015 e 2016, o decréscimo foi mais acentuado, com uma moderação de 13,64%. De 2016 a 2017, a variação negativa continuou em 10,77%. Entre 2017 e 2018, o declínio foi menor, de 5,90%, mas a tendência de redução persistiu. De 2018 a 2019, as matrículas caíram rapidamente, com uma alteração de 18,23%. Finalmente, entre 2019 e 2020, a queda continuou atingindo 11,85%.

Na conclusão, o período entre 2010 e 2013 mostrou um crescimento constante nas matrículas. A partir de 2014, as matrículas começaram a diminuir. A análise das duas regiões, Norte e Nordeste do Brasil, revela diferentes padrões de imigração infantil e tendências de matrícula escolar, refletindo dinâmicas migratórias, econômicas e sociais distintas. A crise venezuelana teve um impacto muito mais pronunciado na região Norte, mas nota-se que em 2019 esse impacto chega à região Nordeste, que registra 396 matrículas e no ano seguinte, 2020, 720 matrículas, um aumento de 81,82%. Destacando que na tabela a nacionalidade Venezuelana, até então não era registrada como uma nacionalidade com números significativos, gerando assim uma mudança no perfil migratório da região.

Tabela 4.4: Matrículas na região Centro-oeste.

Região centro-Oeste ['GO', 'MT', 'MS', 'DF']

2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
EUA (598)	EUA (814)	EUA (488)	EUA (1036)	EUA (1075)	EUA (1049)	EUA (939)	EUA (833)	EUA (760)	Não identificado (802)	Venezuela (1456)
Japão (266)	Japão (335)	Portugal (326)	Portugal (591)	Portugal (704)	Portugal (728)	Portugal (700)	Portugal (698)	Portugal (625)	EUA (653)	Não identificado (792)
Paraguai (226)	Portugal (276)	Espanha (190)	Espanha (432)	Espanha (554)	Espanha (632)	Espanha (644)	Espanha (644)	Espanha (588)	Paraguai (519)	Bolívia (547)
Bolívia (202)	Paraguai (253)	Itália (158)	Japão (331)	Japão (361)	Bolívia (357)	Paraguai (403)	Bolívia (430)	Paraguai (458)	Portugal (516)	EUA (542)
Portugal (127)	Espanha (193)	Japão (97)	Paraguai (281)	Bolívia (311)	Paraguai (355)	Bolívia (387)	Paraguai (384)	Bolívia (441)	Espanha (500)	Paraguai (518)

Fonte: Tabela organizada pela autora através dos dados do INEP.

Em relação ao Centro-Oeste do Brasil, a relação de matrículas de alunos em situação de imigração tem sido marcadamente, conforme apresenta a tabela 4.4, dominada por fluxos provenientes do Norte Global, cabendo destaque aos de nacionalidade estadunidense, que apresentaram significativa representatividade até meados de 2018, liderando o número de registros de matrículas de alunos estrangeiros.

As matrículas de crianças vindas dos EUA na região Centro-Oeste do Brasil variaram significativamente ao longo dos anos. Entre 2010 e 2011, houve um aumento de 36,12%. No entanto, de 2011 para 2012, observou-se uma queda acentuada de 40,05%. Em 2013, as matrículas subiram, registrando um crescimento de 112,30% em relação ao ano anterior. Entre 2013 e 2014, o aumento foi mais modesto, com uma taxa de crescimento de 3,76%. Já em 2015, houve uma ligeira diminuição de 2,42% nas matrículas. Esse declínio continuou nos anos seguintes, com uma queda de 10,49% de 2015 para 2016, e uma redução adicional de 11,29% de 2016 para 2017. Em 2018, o número de matrículas diminuiu novamente, com

uma redução de 8,76% em relação ao ano anterior. Esta tendência de declínio persistiu, com uma queda de 14,08% de 2018 para 2019 e, finalmente, uma diminuição de 17,00% entre 2019 e 2020. Essas variações indicam uma mudança dinâmica nas matrículas de alunos provenientes dos EUA na região, refletindo fatores que podem incluir mudanças nas políticas de imigração, condições econômicas e outros fatores socioeconômicos e culturais.

Atualmente, os países do Sul Global lideram as estatísticas de nacionalidades entre os imigrantes na região, refletindo uma mudança nas dinâmicas migratórias e destacando o crescente papel desses países na demografia migratória do Centro-Oeste brasileiro. Apenas em 2019, a nacionalidade provinda dos Estados Unidos, desce para a segunda posição, sendo ultrapassados por alunos de nacionalidades não identificadas e em 2020, indo para a quarta posição da tabela, sendo superados por nacionalidades do Sul Global, como: Venezuela, nacionalidades não identificadas e Bolívia. Esse movimento demográfico é indicativo das mudanças socioeconômicas e políticas em escala global e local. O aumento da imigração de países do Sul Global pode ser atribuído a fatores como crises econômicas e políticas em suas regiões de origem, políticas de imigração brasileiras mais receptivas e a busca por melhores condições de vida.

Saliento aqui que apesar de empregar para análise das matrículas os termos “Norte” e “Sul” global como úteis para certas análises (como essa que busca indicadores e padrões nos trânsitos migratórios que chegam à sala de aula), eles são também profundamente limitadores e carregam implicações que podem perpetuar desigualdades e estereótipos. É essencial considerar essas críticas ao usar tais categorias e buscar uma compreensão mais nuançada e inclusiva do desenvolvimento global.

Tabela 4.5: Matrículas na região Sudeste.

Região sudeste ['ES', 'MG', 'RJ', 'SP']

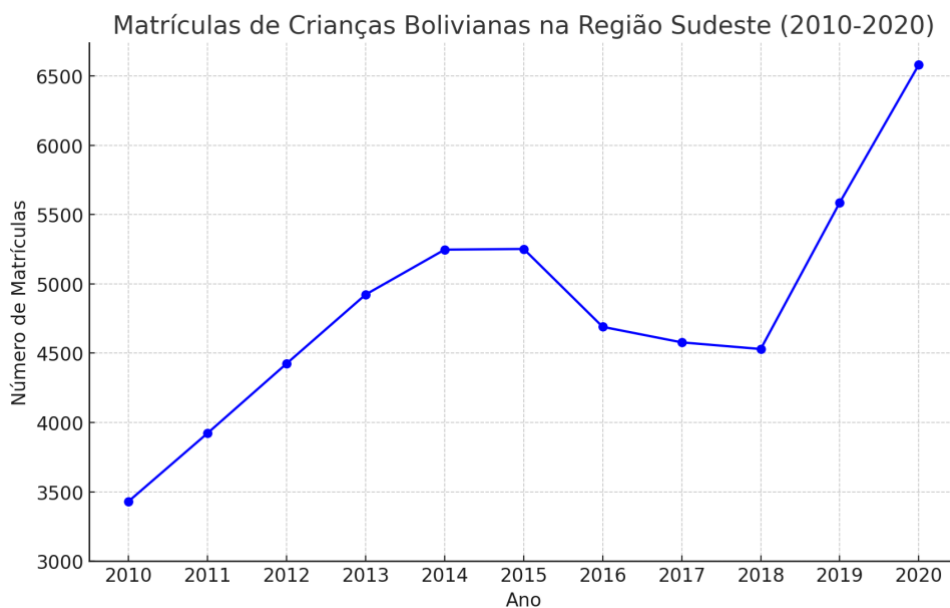
2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Bolívia (3431)	EUA (3923)	Bolívia (4425)	Bolívia (4923)	Bolívia (5247)	Bolívia (5252)	Bolívia (4690)	Bolívia (4578)	Bolívia (4530)	Bolívia (5587)	Bolívia (6581)
EUA (3096)	Bolívia (3888)	EUA (4362)	EUA (4703)	EUA (4599)	EUA (4201)	EUA (3731)	EUA (3187)	EUA (2829)	EUA (2303)	Venezuela (3332)
Japão (2941)	Japão (3074)	Japão (2757)	Portugal (3099)	Portugal (3582)	Portugal (3639)	Portugal (3366)	Portugal (2923)	Portugal (2587)	Portugal (2086)	Haiti (2106)
Portugal (1037)	Portugal (1558)	Portugal (2179)	Japão (2630)	Japão (2554)	Japão (2329)	Japão (2075)	Japão (1791)	Japão (1536)	Haiti (1417)	EUA (1872)
Argentina (689)	Argentina (612)	Espanha (749)	Espanha (1034)	Espanha (1225)	Espanha (1181)	Espanha (1097)	Angola (947)	Haiti (985)	Venezuela (1393)	Portugal (1607)

Fonte: Tabela organizada pela autora através dos dados do INEP.

Na região Sudeste, entre 2010 e 2020, predomina a nacionalidade boliviana, com um crescimento constante na maioria dos anos. Apenas em 2016 há uma redução notável. Isso é evidenciado pelo gráfico 1.

Entre 2010 e 2020, o número de matrículas de crianças bolivianas na região sudeste do Brasil mostrou uma variação significativa. Em 2010, havia 3431 crianças bolivianas matriculadas. Esse número cresceu consistentemente nos anos seguintes, atingindo 3923 em 2011 e 4425 em 2012, com variações percentuais de 14,35% e 12,80%, respectivamente.

Gráfico 4.6: matrículas de crianças bolivianas na região Sudeste (2010 - 2020).



Fonte: Gráfico organizado pela autora através dos dados do INEP.

O crescimento continuou até 2014, quando o número de matrículas chegou a 5247, uma variação de 6,58% em relação ao ano anterior. Em 2015, o aumento foi mínimo, apenas 0,10%, atingindo 5252 matrículas.

Entretanto, em 2016 houve uma queda de 10,70%, com o número de matrículas caindo para 4690. Essa tendência de declínio continuou, embora de forma menos acentuada, em 2017 e 2018, com diminuições de 2,39% e 1,05%, respectivamente. Em 2019, o número de matrículas aumentou novamente, subindo 23,34% para 5587, e em 2020 houve um crescimento ainda mais significativo de 17,77%, alcançando 6581 matrículas.

Esses dados chamam atenção quando percebemos que apenas em 2017 temos outro país considerado do Sul Global aparecendo entre as cinco principais nacionalidades matrículas, no caso a Angola. Até o referido ano, além da Bolívia que lidera, aparecem apenas países do chamado “Norte Global” como Estados Unidos, Japão, Portugal e Espanha. Em 2018 nota-se a chegada da nacionalidade haitiana que cresce nos três anos seguintes. Entre 2018 e 2019, o número de matrículas de crianças haitianas aumentou em aproximadamente 43,9%. Já entre 2019 e 2020, o crescimento foi ainda maior, cerca de 48,6%, isso marca um novo cenário migratório para a região. Marcado também pela chegada de crianças vindas da Venezuela que de 2019 a 2020, apresentaram um crescimento de aproximadamente 139,7% nas matrículas.

Entre 2010 e 2017, observa-se a predominância de crianças de nacionalidade paraguaia nas matrículas escolares no Sul do Brasil, um fenômeno que pode ser atribuído à proximidade geográfica entre o Paraguai e a região. Em 2010, foram registradas 1.109 matrículas de crianças paraguayas, e em 2017 esse número aumentou para 1.642, representando um crescimento de aproximadamente 48%. Adicionalmente, destaca-se a presença significativa

Tabela 4.7: Matrículas na região Sul.

Região sul ['PR', 'RS', 'SC']

2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Paraguai (1109)	Paraguai (1109)	Paraguai (1073)	Paraguai (1356)	Paraguai (1545)	Paraguai (1648)	Paraguai (1670)	Paraguai (1642)	Haiti (2036)	Haiti (2989)	Venezuela (4581)
EUA (730)	EUA (863)	EUA (899)	EUA (947)	EUA (974)	Argentina (917)	Haiti (1072)	Haiti (1439)	Paraguai (1501)	Paraguai (1460)	Haiti (4260)
Argentina (619)	Uruguai (541)	Uruguai (514)	Portugal (713)	Portugal (820)	EUA (870)	Argentina (961)	Argentina (987)	Argentina (999)	Venezuela (1417)	Paraguai (1514)
Japão (562)	Japão (527)	Japão (511)	Argentina (589)	Argentina (757)	Portugal (863)	Portugal (864)	Portugal (768)	Uruguai (718)	Argentina (1102)	Argentina (1241)
Uruguai (512)	Argentina (372)	Argentina (487)	Japão (582)	Japão (677)	Japão (645)	EUA (732)	Uruguai (668)	Portugal (670)	Uruguai (708)	Uruguai (697)

Fonte: Tabela organizada pela autora através dos dados do INEP.

de crianças provenientes dos Estados Unidos, que ocuparam a segunda posição entre as nacionalidades mais frequentes no período de 2010 a 2014, permanecendo entre as cinco principais nacionalidades até 2016.

No entanto, o panorama das matrículas mudou em 2016, com a ascensão da nacionalidade haitiana, até então não expressiva. Em 2016, o número de matrículas de crianças haitianas foi de 1.072, e esse número saltou para 2.036 em 2018, continuando a crescer para 2.989 em 2019. Isso representa um aumento de aproximadamente 179% entre 2016 e 2019. Em 2020, a nacionalidade venezuelana passou a liderar com 4.581 matrículas, uma elevação significativa em relação ao ano anterior, 2019, quando haviam sido registradas 1.417 matrículas. O crescimento entre 2019 e 2020 foi de cerca de 223%.

Outros fatos dignos de nota incluem a saída dos Estados Unidos do top 5 em 2017 e a ausência de nacionalidades do Norte Global entre as principais nacionalidades a partir de 2019. Nesse mesmo ano, a Venezuela surge de forma expressiva no cenário educacional, consolidando sua posição de liderança em 2020. Esse levantamento de dados reflete não apenas as dinâmicas migratórias no Brasil, mas também o impacto de crises humanitárias e econômicas em países como Haiti e Venezuela, que impulsionam fluxos migratórios consideráveis, especialmente de famílias em busca de melhores condições de vida.

4.4 Dados e indicadores - padrões observáveis nos registros de matrículas de crianças imigrantes

Este estudo analisa os padrões migratórios de crianças de 0 a 12 anos matriculadas na rede básica de ensino no Brasil entre 2010 e 2020, com foco nas cinco regiões do país. A análise dos microdados do Censo Escolar revela a influência de crises econômicas e humanitárias, com mudanças significativas nas nacionalidades predominantes, especialmente de países do Sul Global, como Venezuela, Haiti e Bolívia. Na região Norte, as matrículas inicialmente eram dominadas por crianças de países latino-americanos, como Peru e Bolívia. No entanto, a partir de 2017, o número de crianças venezuelanas aumentou exponencial-

mente drasticamente devido à crise humanitária na Venezuela, com um crescimento de 1.605% até 2020. Até 2019, países do Norte Global, como Japão e Estados Unidos, também figuravam entre as principais nacionalidades, mas posteriormente foram substituídos por fluxos migratórios do Sul Global, principalmente da Venezuela.

No Nordeste, até 2017, a maioria das crianças imigrantes era oriunda do Norte Global, como Estados Unidos, Portugal e Itália. A partir de 2019, a Venezuela se destacou, registrando um aumento de 81,82% nas matrículas de crianças venezuelanas entre 2019 e 2020, refletindo a mudança gradual no perfil migratório da região. A região Centro-Oeste apresentou uma trajetória semelhante, com predominância inicial de crianças dos Estados Unidos. No entanto, a partir de 2019, crianças de nacionalidades do Sul Global, como Venezuela e Bolívia, passaram a liderar o número de matrículas, impulsionadas por crises nos países de origem.

No Sudeste, a Bolívia foi a principal nacionalidade ao longo do período, embora a partir de 2017 outras nacionalidades, como Haiti e Angola, tenham emergido. O número de matrículas de crianças haitianas cresceu consideravelmente, assim como as de crianças venezuelanas, que tiveram um aumento de 139,7% entre 2019 e 2020. Na região Sul, a proximidade com o Paraguai favoreceu a predominância de crianças paraguaias até 2017. Posteriormente, o número de crianças haitianas e venezuelanas cresceu expressivamente, com a Venezuela liderando as matrículas em 2020 após um aumento de 223%. O estudo evidencia uma mudança significativa no perfil das crianças imigrantes matriculadas na educação básica brasileira entre 2010 e 2020, com destaque para o impacto das crises humanitárias e econômicas, especialmente na Venezuela e no Haiti, que resultaram em um aumento expressivo de matrículas dessas nacionalidades. As dinâmicas migratórias globais moldaram o perfil demográfico das escolas brasileiras, substituindo gradualmente os fluxos migratórios do Norte Global pelos do Sul Global. Esses indicadores devem servir para subsidiar novas pesquisas e estratégias do poder público. Afinal, pesquisas (Corak, 2011; Magnuson et al. 2006) apontam que o resultado educacional de crianças imigrantes está ligado às políticas públicas oferecidas pelo espaço escolar, bem como relacionado aos indicadores que visam observar padrões e buscar respostas que tornem a escolaridade de alunos imigrantes o mais adequada possível no cenário atual.

4.5 Considerações finais

Considerando os pontos apresentados, podemos concluir que, apesar das boas intenções, o sistema educacional brasileiro ainda não está plenamente preparado para acolher a diversidade que chega todos os dias à sala de aula. A falta de formação e recursos adequados aliada ao desconhecimento da língua, cultura ou história dessa criança prejudica ainda mais o cenário. É essencial que o sistema educacional compreenda que a inclusão dessas crianças não deve ser vista como uma adaptação unilateral, mas sim como um processo de transformação mútua, onde a escola também precisa se preparar para acolher e apoiar esses alunos. Identificar as nacionalidades e o histórico migratório dessas crianças

é um passo crucial para garantir um acolhimento sensível e eficaz, conforme garantido pela Constituição (BRASIL, 2018) e pelo ECA (BRASIL, 1990). Somente assim será possível promover uma educação inclusiva e realmente transformadora.

Com base nos dados apresentados, é possível reforçar a importância das políticas de acolhimento e pertencimento nas escolas, especialmente no que tange à diversidade cultural trazida pelas crianças imigrantes. O aumento significativo das matrículas de crianças venezuelanas, haitianas e de outras nacionalidades do Sul Global nas diversas regiões do Brasil ilustra o impacto das crises políticas e econômicas que impulsionam a migração para o país. Isso requer uma resposta educacional que não apenas acolha essas crianças, mas que também promova um ambiente escolar inclusivo, onde suas histórias e culturas sejam respeitadas e valorizadas.

O acolhimento desses alunos no sistema educacional brasileiro não deve se limitar à adaptação superficial. Ao contrário, o processo deve envolver o reconhecimento e a preservação de suas identidades culturais, conforme discutido por bell hooks (2022) ao falar sobre pertencimento. As crianças imigrantes enfrentam desafios únicos, e a exclusão ou o não reconhecimento de suas origens pode gerar sentimentos de alienação, afetando negativamente seu desempenho escolar e bem-estar emocional.

Ademais, as variações demográficas observadas entre 2010 e 2020 em diferentes regiões brasileiras refletem a complexidade das dinâmicas migratórias e sugerem a necessidade de políticas públicas que considerem essas mudanças. O crescimento significativo da imigração de crianças venezuelanas, especialmente na região Norte e Sul do país, ressalta a importância de preparar as escolas e os profissionais da educação para lidarem com a diversidade cultural, promovendo a inclusão e combatendo o preconceito e a discriminação. Assim, conclui-se que as escolas precisam ir além de apenas registrar a presença desses alunos no sistema, devendo adotar práticas pedagógicas que fortaleçam o sentimento de pertencimento. Isso pode ser alcançado por meio de formações específicas para os educadores, para que compreendam melhor as trajetórias migratórias dos alunos e as implicações culturais e sociais desse fenômeno. Ao reconhecerem e valorizarem as histórias dessas crianças, as escolas não apenas promovem a inclusão, mas também ajudam a criar um ambiente mais justo e equitativo para todos os alunos.

4.6 Referências Bibliográficas

ASSIS, M. O Alienista. São Paulo: FTD, 1994. Originalmente publicado em 1882.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 7 out. 2024.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Censo Escolar da Educação Básica, 2010; 2011; 2012; 2013; 2014; 2015; 2016; 2017; 2018; 2019; 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/microdados/censo-escolar>. Acesso em: 04 out. 2024.

CORAK, Miles. Age at Immigration and the Education Outcomes of Children. Analytical Studies Branch Research Paper Series, Canada, out. 2011. Disponível em: <https://www150.statcan.gc.ca/n1/en/pub/11f0019m/11f0019m2011336-eng.pdf?st=o0tf6Xd3>. Acesso em: 16 set. 2024.

CORRÊA, Cristia Gonçalves Lopes. A relação entre afeto e cognição: perspectivas teóricas. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 28, 2024. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392024-257346>.

DAL'MAS, Ítalo. Da colonização à imigração no Brasil. São Paulo: Gráfica Editora Hamburg, 1975.

HOOKS, Bell. Pertencimento: uma cultura do lugar. São Paulo: Elefante, 2022.

MAGNUSON, Katherine; LAHAIE, Claudia; WALDFOGEL, Jane. Preschool and school readiness of children of immigrants. *Social Science Quarterly*, dez. 2006. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/42956605>. Acesso em: 16 set. 2024.

MENEZES, Lena Medeiros de. Imigração: aportes historiográficos. In: REZNIK, Luís. *História da imigração no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2020. p. 17-38.

PARAGUASSU, Fernanda. *Narrativas de infâncias refugiadas: a criança como protagonista da própria história*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2022.

WINNICOTT, D. W. O que entendemos por uma criança normal? In: WINNICOTT, D. W. *A criança e o seu mundo*. 7. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2022.